

O SENTIDO REVOLUCIONÁRIO DA POESIA DE PÚCHKIN

Alberto Souza Pinto Filho

Gostaria que as minhas primeiras palavras dirigidas a este auditório fossem de manifestação de minha profunda emoção e honra não só pelo fato de encontrar-me aqui na qualidade de expositor na Universidade Federal do Ceará, momento este que por si só glorifica qualquer expositor, mas também por esta oportunidade ser aproveitada para lembrarmos o nome, o legado de Alexandre Siergieievitch Púchkin: o poeta Púchkin, que nasceu na Rússia, em Moscou, no ano de 1799.

Não consigo lembrar-me de outra época, quando o nome Rússia tenha sido tão mencionado como ultimamente. Mas lembro-me muito bem de uma época, quando a simples menção do nome Rússia era motivo de pelo menos um espanto. Talvez aqueles espantados não soubessem o que esta Rússia nos legou e tem legado.

Ao relembrar estas épocas não posso deixar de emocionarme com momentos como estes agora. E se tais momentos nos fazem orgulhosos, muito mais orgulhosa deve ficar a UFC, pois um dos responsáveis pelo ensejo de tais encontros é um professor oriundo do quadro docente desta Universidade: prof. Hesíodo de Queiroz Facó, fundador da cadeira de Língua e Literatura Russa na Universidade Federal do Rio de Janeiro, meu primeiro professor de língua e literatura russa.

Púchkin era de berço aristocrata, já de grande tradição poética e literária. Seu avô U. Púchkin era poeta conhecido. Seu pai — um aficionado principalmente da literatura francesa, principalmente de autores-filósofos como Rousseau, Voltaire, Diderot, Montesquieu — gostava de recitar versos de Molière, Racine... e ele próprio escrevia versos em francês, às vezes também em russo.

Em 1811 Púchkin ingressa no Tsarskocielhskii Litsiei, instituição de ensino privilegiada, onde durante seis anos recebeu formação. Este liceu preparava seus alunos não só para a vida político-diplomática, mas também para a carreira militar. Na direção do liceu encontravam-se pessoas de convicções, uns mais, outros menos, progressistas. A Rússia então ainda não era um estado no sentido burguês do termo, ou seja as relações capitalistas ainda não eram forma hegemônica de produção.

O que poderemos historicamente considerar como idéias progressistas configurava-se então como idéias, nestes anos de liceu e principalmente neste liceu, de estabelecimento de uma Rússia, monarquista-constitucional, de uma nova-Rússia monarquista-constitucional com mais liberdade, mais democracia. Os mais progressistas propagandeavam suas idéias liberais, configuradas em ideais anti-servidão, sobre as instituições constitucionais na Rússia e até mesmo o ateísmo era muito propagandeado. Não devemos esquecer que era hegemônico nestes tempos então o sistema de servidão, principalmente do campesinato. O camponês prestava serviços eternos ao seu senhor latifundiário.

Dentre as atividades pedagógicas do liceu a literatura ocupava um lugar de destaque. Não há exemplo de tradição literária em qualquer época da história da civilização, que tenha refletido mais e tenha se preocupado tanto com os destinos de seu povo em questão, como a literatura russa, em qualquer de seus períodos. Nunca uma literatura ajudou tanto o povo como a literatura russa, através de seus escritores, cujo centro de atenção era a profunda preocupação com a democratização do seu país, com a liberdade desejada pelo seu povo.

A Rússia encontra sua afirmação como nação na aurora do século XVIII. O personagem histórico, a quem atribui-se o feito de unificar esta imensa planície eslava é Pedro I. Pedro o Grande. Entender a história é compreender a essência dos acontecimentos e a essência do papel de Pedro o Grande, é formalizar esta Rússia como nação. Arrancá-la do feudalismo e modernizá-la. Com a inauguração da Rússia como nação em forma de Estado autocrático tem início sua vida como nação no sentido burguês do termo. E se Pedro I teve como tarefa histórica política conseqüentemente, a união dos vários poderes de senhores feudais num só, o seu, do ponto de vista da afirmação espiritual a Rússia contou com seus artistas. Este momento de afirmação da cidadania russa é temática central nestes anos, curtos, de Pedro I. A partir do séc. XVIII as contradições deste Estado despótico-centralizador aguçaram-se. Mas a Rússia como

nação já existe. Esta não é mais a preocupação nacional. Aquele Estado, motivo de júbilo popular encarnado na figura de Pedro o Grande deu lugar a uma implacável máquina de opressão, para a sobrevivência de todos que dela se aproveitam.

A luta contra o despotismo do poder autocrático do tzar, contra o sistema de servidão fez da literatura progressista russa o seu espelho. Exemplo disso temos ainda no início do século, em 1802, uma poesia de Radischev, da qual extraio um pequeno trecho, mas muitíssimo significativo. Escreveu Radischev, como se o povo russo falasse por sua pena:

“Você quer saber: quem eu sou? Para onde vou?

Eu sou aquele, que fui e serei

por toda minha existência

Não sou gado, não sou uma árvore,

nem escravo, mas um ser humano!...”

O traço comum que unia escritores, como Lomonossov, Derjavin, Fonvizin, às vezes de concepções políticas tão dispares, era o profundo senso de amor pela condição humana sobre a face da Terra. O que ainda não acentua o grande mérito da literatura russa. O amor pela liberdade é manifestado por inúmeros escritores das mais diferentes línguas. A liberdade na literatura russa porém não é um valor abstrato, fruto de uma fantasia subietiva do escritor. A liberdade principalmente para os escritores progressistas russos é um fruto colhido na sua busca diária pela independência. Independência da invasão tártara, independência de Napoleão, independência do senhor feudal, fim da servidão, fim da autocracia.

Esta característica de literatura russa já está quase consolidada, quando Púchkin inicia suas atividades como poeta. Suas primeiras poesias são escritas ainda no seu tempo de liceu. São poesias ainda de caráter sentimentalista, influenciado que era pela prática sentimentalista de então, principalmente por Jukovskii, poesias cuja temática principal era a atenção de Púchkin — liceísta para com o mundo interior do coração humano, da personalidade humana, o que é atestado pelos títulos de algumas poesias deste período: “Assim eu fui feliz, assim eu tinha prazer”; “Meu testamento é para os amigos”, ambas datadas de 1815. Púchkin — liceísta, que em sua atividade artística destes anos aproveitou e foi influenciado pela musicalidade e plasticidade das poesias dos mais destacados poetas progressistas sentimentalistas de então, Jukovskii, Batiuchkov, logo os superou pelo conteúdo ideológico e artístico.

A guerra nacional de 1812 foi motivo não só de grande mobilização nacional, mas também de grande expectativa. Contra o invasor mobilizaram-se representantes das mais diversas camadas sociais: camponeses, aristocratas, pequenos-burgueses, representantes da inteligência, progressista ou não. Era necessário defender a pátria. E todos nós conhecemos o resultado da campanha de 1812. O exército invasor é aniquilado. A vitória desperta um grande sentimento de orgulho nacional no povo russo e grandes reformas são esperadas.

O poder autocrático de Alexandre I soube recorrer as grandes massas de desafortunados, para poder resistir ao inimigo, mas após a grande vitória sobre as tropas de Napoleão, o povo russo encontra condições de vida ainda mais adversas, não só pela destruição da pátria imposta pela guerra, mas também por medidas do czar Alexandre I, que temia algo semelhante a qualquer revolução européia, que pudesse abalar o seu governo autocrático. Da mesma forma os senhores latifundiários. Uma destas medidas foi a de os soldados, de origem mormente campesina, terem que trabalhar na terra e ao mesmo tempo servir o exército.

O ensino da religião tornou-se obrigatório em todas as instituições. Sobreveio em período das mais terríveis reacções contra qualquer manifestação de liberalidade. As contradicções sociais aquçaram-se na consciência da inteligência progressista de então, incluindo aí representantes não só da aristocracia, mas também do oficialato militar progressista, e as primeiras manifestações, tentativas de organização de um movimento de libertação de tal situação insuportável verifica-se já em 1816, dirigido por esta parte do oficialato e intelectualidade que no estrangeiro foram influenciados pelos ideais iluministas republicanos.

Mais tarde os participantes daquele movimento intitular-se-ão decabristas, por planearem a tomada do poder para dezembro de 1825. Os decabristas, eles mesmos intitular-se-iam "os filhos de 1812". O movimento decabrista terminou com a insurreicção de 14 de dezembro de 1825, sofrendo este uma séria derrota. Neste movimento, tomavam parte, tendo uma ligação profunda muitos escritores, dentre os quais podemos citar Griboiedov, Rilieiev, Bielinskii, e Alexandre Púchkin.

Não refiro-me aqui ao movimento decabrista como uma simples tentativa romântica de tomada do poder. Hoje em dia temos elementos de análise política suficientes, para detectar-mos o que havia ou não de romantismo, espontaneísmo na organização de uma minoria para tomada de qualquer poder formalmente institucionalizado. Mas este movimento representou

a primeira manifestação consciente e organizada de luta contra o despotismo, a servidão, a ausência de condições humanas de vida para o povo russo. E a intelectualidade russa progressista aparece como formalizadora dos anseios populares. Se a derrocada se deveu principalmente ao caráter não participativo das grandes massas populares, pela forma, seu conteúdo foi sem dúvida alguma popular nacional.

Os anos de liceu foram decisivos para a formação do jovem Púchkin. Se os anos passados no liceu imprimem em Púchkin o grande sentido do legado clássico do iluminismo, o amor pela liberdade, o ódio a qualquer forma de jugo do homem pelo homem fica plasmado neste período. Em Petersburgo, para onde Púchkin é designado "conselheiro administrativo" em 1817, tem então oportunidade de fortalecer seus laços com os representantes mais progressistas da intelectualidade da época: Tchaadaiev, N. Turgieniev, P. Katienin.

Se os anos de liceu forjaram em Púchkin os mais nobres ideais humanos é no seu tempo, em Petersburgo, que o poeta começa a refletir sobre a situação política do país, principalmente em encontros com Tchaadaiev, brilhante oficial, filósofo de grande erudição, e por quem Púchkin ouve as idéias de derrocada da autocracia de Alexandre I. E as idéias de um movimento libertário tornando-se cada vez mais forte no poeta. O período em Petersburgo marca o rápido desenvolvimento do talento poético de Púchkin. Sua poesia adquire maior naturalidade, sinceridade, emotividade.

Púchkin não era formalmente membro dos decabristas, mas foi um dos seus mais eloquentes defensores e propagandistas. Sem dúvida o mais brilhante. Levanta sua voz a partir deste período contra o grande mal de seu tempo: a servidão. Uma das poesias de Púchkin que mais revelam esta sua indignação com tal pérfida situação é um poema escrito em 1819: "Aldeia".

Podemos notar neste poema do jovem Púchkin duas partes distintas de sua lírica. A prática poética clássica deste período da literatura russa tinha como temática favorita a relação emocional do poeta principalmente para com a natureza. Ele a personalizava, atribuindo-lhe características humanas. Transmítia ao leitor o encantamento desta ou daquela paisagem. A natureza, no sentido rousseauiano do termo é utilizada como veículo de transmissão de suas amarguras, solidão, tristezas e encantamentos. É assim com um dos mais expressivos poetas da época: Jukovskii. Esta atividade poética já liberta dos cânones clássicos dos primeiros anos de existência da literatura russa, este comportamento do poeta, em muito

contribuiu para o enriquecimento da prática literária. É assim uma primeira parte de "Aldeia". Mas o espírito aguçado do poeta não fica indiferente a detalhes, principalmente se estes detalhes, alvo do gênio são o ser humano. Uma vez transmitida sua relação com esta paisagem, com a natureza, Púchkin dirige sua atenção àquele de quem acima de tudo sua poesia fez sua atenção àquele de quem acima de tudo sua poesia fez alvo: seu povo oprimido. Se Púchkin é clássico pela forma, já o deixa de ser pelo conteúdo, principalmente numa segunda parte do poema. Ei-lo:

"Aldeia"

Saúdo-te, recanto deserto,
morada da tranqüilidade, do trabalho, e da inspiração.

Onde flui a torrente invisível dos meus dias
no seio da felicidade e do esquecimento.

Sou teu: troquei o palácio de Zinge
cheio de vícios, banquetes luxuosos,
diversões, enganos,

pelo murmúrio tranqüilo dos carvalhos,
pelo silêncio dos campos,

pelo ócio livre, amigo da meditação.
Sou teu: amo este jardim sombrio

com seu frescor e suas flores,
este prado cheio de feno perfumado

onde há o murmúrio dos riachos cristalinos
nos arbustos.

.....

Mas o terrível pensamento
aqui atormenta a alma.

Por entre os trigais florescentes e montanhas
o amigo da humanidade percebe com tristeza:

por toda parte há
a vergonha insuportável da ignorância.

Sem ver as lágrimas, sem ouvir os gemidos,
a nobreza selvagem,

escolhida pelo destino,
sem sentimentos, sem leis,

apoderou-se pela violência do chicote,
do trabalho, da propriedade

e do tempo do homem da terra.

Oh, se minha voz pudesse alarmar os corações.

Verei algum dia, amigos, meu povo liberto,
e o fim da escravidão pela mão do czar?
E sobre a pátria surgirá finalmente
a grandiosa aurora da liberdade iluminada?

Devemos notar que não só em Púchkin mas em outros poetas também, a poesia revolucionária de então, isto é, a poesia dentro do espírito decabrista destes anos iniciais do movimento, mas principalmente a de Púchkin já perdia contado com a prática poética sentimentalista tão a gosto de seu tempo. Liberta-se pouco a pouco do condicionamento e do convencionalismo clássico. Se não tanto pela forma, principalmente pelo conteúdo.

E este conteúdo foi e é motivado pelo que os escritores russos em geral tinham e têm em comum: a estreita união com a sua realidade, a preocupação do escritor com as amarguras de seu povo. Nunca uma literatura ajudou tanto seu povo, como forma de consciência social, como a literatura russa. Fazendo aqui um parêntesis, podemos conceber a evolução da literatura russa, como um penetrar cada vez mais conseqüente na realidade, este é a meu ver o grande mérito e o grande legado, o grande exemplo dos maiores escritores russos. O motivo de eles serem tão queridos por seu povo.

É curioso notar que este poema foi pela primeira vez publicado em 1824 e depois em 1826, porém, só a primeira parte. Sua forma completa foi publicada somente em 1856 no estrangeiro, por Herzen, surgindo na Rússia somente em 1870.

Este afastamento dos cânones da poesia clássica fez com que Púchkin concretizasse o desejo da libertação de seu povo sobre a Terra, imprimisse na poesia o sonho da realização deste desejo. Como vimos em "Aldeia". Nesse período Púchkin cria inúmeras poesias de caráter libertário, já de tendência romântico-realista. As mais significativas dentre elas, além de "Aldeia", são "Ruslan e Liudmila" e principalmente "Liberdade".

"LIBERDADE"

— Corre, esconde-te dos olhos,
lira, fraca czarina.
Onde estás, onde estás
tempestade dos czares,

cantora orgulhosa da liberdade?

— Vem, arranca de mim a coroa de louros,
quebra a lira mimada.
Quero cantar ao mundo
a liberdade,

a vencer o vício dos tronos.

— Finas do destino fugaz,
Tiranos do mundo! Abatai-vos!

E vos, criai coragem e ouvi!
Rebelai-vos, vítimas da escravidão!

.....

— Infelizmente, para onde quer
que se dirija o olhar,
por toda parte,

há o açoite, a vergonha funesta
das artérias da lei,
a lágrima impotente do cativo.

Por toda parte

na densa escuridão do cativo
entronou-se o poder injusto —

— o gênio terrível da escravidão
e a paixão funesta da glória.

Somente lá, sobre o chefe Czar,
não paira o sofrimento dos povos,
onde há a combinação das leis poderosas
com a liberdade sagrada,

onde a todos está estendido
seu escudo poderoso,

onde sua espada,
empunhada por mãos certas,
é desembainhada sem escolha,
por sobre as cabeças iguais
dos cidadãos.

Poderosos; os louros e o trono vos são dados
pela lei, não pela natureza;
Vós estais sobre os povos,
mas a lei eterna paira sobre vossas cabeças.

— Autocrata e celerado!
Odeio-te, e a teu trono,
Tua morte e de teus filhos
vejo com cruel alegria.

.....

Tu és o terror do mundo,
 vergonha da natureza,
 censura a Deus na Terra.
 E agora aprende sobre o Czar;
 nem castigos, nem recompensas,
 nem o sangue do calabouço, nem altares,
 serão defesas sólidas para ti,
 sejam os primeiros
 a abaixar a cabeça sob a proteção da lei.
 E como eterno guardião do trono
 Far-se-ão a liberdade e a paz dos povos.

O poema "Liberdade" foi a primeira poesia conseqüente dentro do espírito revolucionário decabrista. Devemos notar que se em "Aldeia" Púchkin manifesta suas concepções constitucionais-iluministas, quando a libertação campesina dá-se por "força de lei", em "Liberdade" Púchkin em muito as supera, dirigindo-se já de maneira mais conseqüente à autocracia czarista.

É pela força de penetração na problemática humana que a literatura russa torna-se digna cada vez mais de atenção mundial, pelo seu poder de síntese e de reflexo dos ideais mais progressistas.

Aqui Púchkin não se revela apenas inimigo implacável da servidão russa, mas manifesta sua firme convicção o que será marca de toda sua obra, de que o valor mais caro não só para o russo, ou o finlandês ou qualquer outro, mas para o homem em geral é sua liberdade. Por sua força de desmascaramento deste regime despótico seu poema "Liberdade" penetrou nos mais variados círculos da inteligência russa em forma de folheto, muitas vezes manuscritos, mobilizando a parte mais conseqüente da juventude para o trabalho revolucionário e o ingresso nas sociedades decabristas clandestinas na luta contra o czar. Este poema em forma de ode foi publicado integralmente pela primeira vez em Londres também por Herzení aparecendo na Rússia só em 1906.

São desse período também entre muitas outras "Para N. la. Pliuskova"; "Para V. V. Engelhart"; "O passarinho" "Tu e eu". Estes poemas são bastante significativos para a exemplificação dos caminhos que a poesia de Púchkin tomava. Púchkin resume toda a essência do movimento revolucionário decabrista, essência esta que não só deste movimento, mas também de quase toda sua obra futura — o amor pela liberdade. Se o artista tem uma musa, esta era para Púchkin a liberdade.

Em "Para Pliuskova" Púchkin nos confirma sua devoção à sua musa.

"Para Pliuskova"

Na modesta e nobre lira
nunca elogiei os deuses da Terra
e não cantei, no momento de orgulho,
a força com o confete da bajulação.

Aprendendo apenas a glorificar liberdade;
sacrificando versos
apenas a ela,

não nasci para divertir os Czares,
com minha musa envergonhada.

O amor e a liberdade secreta
incutiram no coração um hino simples
e minha voz incorruptível
foi o eco do povo russo.

Se a poética de Púchkin, nos seus primeiros anos de atividade literária, dão pela forma e pelo conteúdo versos clássicos, seus anos de Petersburgo, a vinculação ao movimento revolucionário, a preocupação com os destinos e o fim do despotismo, o anseio pela "musa decabrista", a liberdade, chamado pelo próprio Púchkin de "o sonho maravilhoso, — dão a sua poesia cada vez mais o caráter romântico. Sonho este a maioria das vezes revelado em forma de referências cordiais a personalidades, como é o caso de "Para Pliuskova" e como é também o caso de "Para Tchaadaiev". Púchkin homenageia este personagem já mencionado. Esta poesia de Púchkin é de muita expressividade emocional. Aproveita a essência do exemplo de Tchaadaiev como essência de sua poesia: a devoção pela luta contra o despotismo.

"Para Tchaadaiev"

A ilusão do amor, da esperança,
da glória perene,
por pouco tempo nos acalentou.
Desapareceram as brincadeiras de adolescente,
como um sonho, como a bruma da manhã.

Mas em mim ainda arde o desejo,
e sob o jugo de poder assassino
foi ouvido pela alma impaciente
o apelo da Pátria.

Esperamos com a aflição da esperança
os minutos da liberdade sagrada,
como espera o jovem amante
os minutos do reencontro verdadeiro.

Enquanto ardermos pela liberdade,
enquanto viverem para o ato nobre os corações,
Amigo; dedicaremos à Pátria
os impulsos grandiosos de nossa alma.

Acredite camarada: erguer-se-á
a estrela da felicidade esplendorosa.
A Rússia erguer-se-á do sono.
E nos destroços do despotismo
nossos nomes serão escritos.

Em Púchkin este tema, a liberdade é aproveitado pelo poeta sob as mais diversas formas. A medida que cresce a insatisfação popular, o espírito revolucionário toma corpo e as contradições sociais aguçam-se, Púchkin dirige-se ao regime despótico-autocrático de forma cada vez mais implacável. O inconformismo com as desigualdades sociais fica evidenciado neste exemplo: "Tu e eu"

"Tu e eu"

Tu és rico, eu sou pobre.
Tu és prosaico e eu poeta,
Tu és corado como a flor da papoula
Eu, como a morte, sou magro e pálido

Sem ter preocupações na vida
Tu vives numa grande casa
E eu passo meus dias de amargura
dormindo na palha.

Tu comes bem todos os dias
Bebes vinho à vontade
e tens não raramente preguiça
de dar à natureza
o dever obrigatório.

.....
Estou cercado por uma multidão de escravos
com o absurdo do terrível despotismo.

.....
A luz do movimento de libertação a poesia de Púchkin adquire um caráter genérico e um simbolismo muito grande de declarada orientação romântica. Um exemplo de 1823 é sua poesia "O passarinho".

"O passarinho"

Numa terra alheia obedeço
um costume antigo natal:
liberto um passarinho
na radiosa festa da primavera

Fico então consolado;
por que queixar-me de Deus,
Se pude dar pelo menos a uma criatura
a liberdade!

Seus ideais de devoção eterna à liberdade são manifestados em vários poemas de 1823 como "O demônio" e "Quem, ondas, vos deteve?" — outro poema rico em simbolismos. Mas se no sentimentalismo os recursos simbólicos, embora enriquecedores da poesia, eram usados na maioria das vezes como expressão subjetiva do autor, para Púchkin estes recursos estavam a serviço da insurreição contra a impossibilidade frente à infelicidade humana.

"Quem, ondas, vos deteve?"
Quem, ondas, vos deteve?
Quem aprisionou vossa carreira poderosa?
Quem desviou para o açude silencioso
vosso curso rebelde?

De quem é a vara de condão,
que incutiu em mim a esperança, a amargura, a alegria
e enfeitiçou minha alma agitada,
com a madorra da preguiça?
Agitai-vos, ventos, revoltai-vos, águas.
Destruí o baluarte da morte.

Onde estais vós, tempestade — símbolo da liberdade
Elevai-vos acima das águas cativas.

Mencionei aqui o romantismo de Púchkin. E escritores, poetas românticos existem muitos. Mas se o romantismo de outro escritores evidencia o sonho como escapismo a realidade, o romantismo em Púchkin é a formalização dos anseios populares, aos quais deu forma em suas poesias. E esta é a marca do grande artista. É um artista só pode ser verdadeiramente grande, quando dá forma a seu tempo, à sua época. Ajuda seu povo a compreender-se melhor. Embora para muitos escritores os sofrimentos da humanidade não fossem desconhecidos, não tinham muitos destes a fé no futuro e no seu povo, como Púchkin a tinha. Como disse certa vez sobre esta tendência do romantismo ocidental o escritor e filósofo Herzen: "Uma fé que há muito tempo o ocidente perdeu".

A obra de Púchkin distingue-se principalmente pela mesclagem de uma temática amorosa com a problemática social; Púchkin dá forma artística aos conflitos de seu tempo, retrata sua sociedade muitas vezes através da tessitura psicológica de seus personagens, em seus romances e sua dramaturgia a psicologia de seus personagens é fruto conseqüente de sua ação sobre a Terra. Assim é em, por exemplo, *Eugênio Oniêguin*. Mas confiante que é no que existe de mais caro sobre a Terra — o homem — seus personagens não são principalmente em "Eugênio Oniêguin" meros espectadores de suas próprias vidas — evoluem. Mesmo em "Eugênio Oniêguin" Púchkin não é indiferente a seus companheiros revolucionários mortos pelos carcosos czaristas.

A poética de Púchkin nesse período denunciadora, desmascaradora do regime de servidão, irônica, impetuosa, (como em "Para Tchaadaiev" — dediquemos nossos impulsos à pátria...) encontrou grande repercussão entre a parte mais progressista da juventude aristocrática. Neste período sua obra tem fundamentalmente um caráter antigovernamental, sendo difundida em folhetins e também oralmente, incutindo nos seus leitores a indignação para com o despotismo. Isto naturalmente tornava Púchkin um personagem completamente indesejável. No início de 1820, no mês de abril, Púchkin é detido, quando se encontrava num teatro e mais tarde parte exilado para o Sul.

Mas mesmo no exílio seus versos não perdem combatividade. Pelo contrário, convencem pela justeza de suas posições. Seus versos deste período são cheios de insatisfação, também tristeza, mas principalmente carregados de preocupação não propriamente com seu destino, mas com o destino de sua sociedade. Os motivos políticos são cada vez mais presentes, em sua poesia.

Quis fazer do tema "liberdade" a linha condutora desta minha pequena exposição sobre um lado da poesia de Púchkin, porque o principal tema de sua obra é "liberdade", ele mesmo a confirma como sua musa eterna — essencial é o grande legado do movimento decabrista. Este é central nesta fase da vida do poeta. Se Púchkin ideologicamente ligado ao movimento decabrista fizera da "liberdade" a sua musa eterna em "O alegre banquete" reafirma sua devoção não só a este tema, mas à sua musa: "— Só a liberdade é o meu ídolo". Tendo a liberdade como musa inspiradora Púchkin não pode deixar de indignar-se com a terrível censura imposta pelo czar; indignação manifestada num de seus poemas: "Carta ao censor". Indignação esta não somente dirigida à censura propriamente dita, mas ao ambiente de corrupção da corte de Alexandre I.

Nesse período de permanência no Sul, Púchkin tem a oportunidade de ter ligações mais estreitas não só com vários decabristas: Raeivskii, Orlov, Iakuchkinin... mas também aproxima-se mais do próprio povo russo, entrando em contacto directo com cossacos-camponeses, que se insurgiam em algumas províncias do Sul.

Se do ponto de vista do conteúdo a poesia de Púchkin dentro do espírito do decabristismo é revolucionária, pela forma também o é. Abro aqui um parêntesis para esta afirmação. O léxico da poesia de Púchkin perde principalmente a partir deste período sua origem livresca, para aproximar-se cada vez mais do léxico da língua falada no dia a dia da vida popular russa. Se a poesia de Púchkin é revolucionária pelo conteúdo, continua sendo também pela forma. Mas por que a afirmação "revolucionária"? Pois tirei de Púchkin simplesmente a linha condutora não de minha palestra, mas de sua obra: "a liberdade". Mas não foi por mais liberdade, que a revolução francesa foi feita? Não foi por liberdade que o povo trabalhador russo proporcionou ao mundo talvez o maior acontecimento político do séc. XX, a revolução russa? Não será o caminho eterno do homem sobre a face da Terra a busca de cada vez mais liberdade? E a obra de Púchkin é revolucionária justamente por isto.

Mas não pode haver revolução sem povo. Se a ação programática decabrista resumia-se no planejamento da tomada do poder, Púchkin em muito ultrapassa a avaliação por parte dos revolucionários decabristas no que se refere à participação das massas populares. Púchkin entre 1824 e 1825 escreve o drama "Boris Godunov". "Boris Godunov" não é simplesmente uma obra sobre uma disputa pelo poder, ou sobre um czar que aguçou o regime de servidão de seu povo. Ao contrário de historiadores de sua época, que analisavam a catástrofe de Godunov

à luz de sua psicologia, Púchkin penetra na essência do papel das massas populares na história, atribuindo sua queda às condições sociais, à falta de ligação de Boris Godunov com seu povo. E não teria sido esta falta de ligação com as grandes massas populares, a sua ausência no movimento revolucionário a grande causa da derrota dos decabristas? A questão histórica neste drama de Púchkin não se manifesta simplesmente pelas contradições no sistema de dominação popular. Mas o que abalava o império era o que havia de contraditório entre este sistema, encabeçado por Boris Godunov, os boiardos, e como a essência deste sistema era maléfica às massas populares.

A essência do conteúdo do drama de "Boris Godunov" vem a ser a luta social-política, mas o único herói é o povo. A tragédia de Godunov decorre da falta de ligação com seu povo e aí manifesta-se a concepção de Púchkin sobre o papel das massas populares: sem a participação de grandes massas populares a luta política está fadada ao fracasso. E aí revela-se o caráter democrático das concepções de Púchkin. Mas não é esta a concepção da luta político-revolucionária de Lenin? Sem a participação das massas de milhões não haveria a revolução russa. Como não pode haver nenhuma revolução. Este é o caráter democrático das revoluções. Não é pela participação popular cada vez maior na vida do país que a "transparência" — a glasnost" — é empreendida?

Púchkin foi um grande artista, o material de sua arte era a palavra. O escritor Baratynskii que junto com Jukovskii coletou os papéis do poeta após a sua morte, disse em relação àquela figura de gênio, que se findara: "estava apenas começando".

Resta-me contudo dar continuidade a uma pergunta: O que fez com que Púchkin fosse realmente grande? O que faz, com que Púchkin seja considerado um dos maiores poetas da humanidade? Há muitas formas de responder a esta pergunta. Ater-me-ei ao traço comum de todos os verdadeiramente eternos. Púchkin é grande da mesma forma, que o foram Beethoven e Villa-Lobos. Por que souberam elevar a alturas nunca vistas a criação de seus povos. O que é a música de Villa-Lobos, se não a cantiga do capadócio realizada através das conquistas universais mais elevadas da formalização artística? E a obra de Púchkin encerra em si as conquistas não só de sua literatura nacional precedente, mas também as conquistas e tradições da literatura mundial. Em sua obra estão refletidos os tipos característicos de sua sociedade: o nobre, o senhor feudal, o campesino, o revolucionário, seus anseios.

Se Púchkin realista apresenta este sentido revolucionário através de pessoas reais como por exemplo Tchaadaiev, Púchkin — romântico também as idealiza, não como capricho subjetivo, mas como personagem possuidor de qualidades positivas necessárias para a superação das terríveis dificuldades, pelas quais seu povo oprimido atravessava. Qualidades estas intrínsecas não só ao povo russo, mas a todo aquele que se torna dono de seu destino.

O sonho de Púchkin sobre a libertação de seu povo não foi mais que previsão do futuro da sua Rússia. As novas relações sociais, advindas com a revolução russa, coveira primeira do último degrau da exploração do homem pelo homem, surgiu da pena de Púchkin, quase como premonição: "acredite camarada, a Rússia erguer-se-á do sono..."

Todos nós conhecemos nesta semana Púchkin sobretudo como poeta, mas encontramos a contribuição de seu talento de gênio nas mais variadas formas de atividade intelectual na Rússia. Sua atividade como escritor não resumiu-se apenas ao trabalho poético, além de poeta foi também historiador, jornalista, crítico literário.

Podemos afirmar que o estudo da literatura soviética contemporânea começa com o estudo da obra de Púchkin, pois o caráter democrático adquirido pela atividade literária após a revolução russa já fora manifestado pelo poeta e entendido como forma de conscientização de massas, compreendeu como nenhum outro de seu tempo a importância do papel social da literatura. Sobre isto disse M. Gorki: "Púchkin foi o primeiro a sentir que a literatura é uma tarefa nacional de primeira importância... o primeiro a elevar o nome do escritor a alturas nunca vistas".

Precisamente no seu amor pela liberdade, na defesa do homem, não somente russo, mas universal, no seu patriotismo, manifesta-se o internacionalismo de Púchkin. Ele pertence àquele tipo de gênio, que tendo trabalhado no presente, preparou o futuro. E este futuro chegou! Seu povo liberto, dono de seus destinos.

IBS C H